

Transformação pessoal na supervisão clínica

Personal transformation in clinical supervision

Luciano Barbosa de Queiroz*

Faculdade Estácio de Sá de Goiás

Luc Vandenberghe

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Resumo: A relação entre supervisor e supervisionando pode ser vista como um meio para potencializar as técnicas de supervisão, como sendo a própria ferramenta da supervisão e como um contexto que modela a pessoa do terapeuta. A literatura sobre a supervisão alude, mas pouco aprofunda esse terceiro aspecto. O objetivo desta pesquisa foi explorar os efeitos pessoais da supervisão. Foram entrevistados 10 supervisores e 10 supervisionandos. A coleta e a análise dos dados foram direcionadas pelas diretrizes da *grounded theory*. Os resultados apontam que a supervisão afeta supervisores e supervisionandos de maneira similar. Independentemente das metas didáticas e do modelo de terapia comportamental adotado, supervisionando e supervisor aprendem sobre si, aprendem a melhor relacionar-se com outras pessoas, a enfrentar melhor seus próprios sentimentos difíceis. Entre os supervisores, supervisionar é um caminho de realização pessoal, sendo fonte de motivação e prazer.
Palavras-chave: supervisão, crescimento pessoal, terapias comportamentais

Abstract: The relationship between supervisor and supervisee may be understood as a means to enhance the supervision techniques, as the instrument of supervision itself and as a context that shapes the person of the therapist. The literature on supervision mentions but hardly explores this third aspect. The objective of this study was to investigate the personal impacts of supervision. Ten supervisors and ten supervisees were interviewed. Data collection and analysis were guided by the tenets of grounded theory. The results show that supervision effects supervisors and supervisees similarly. Regardless of the didactic goals and the treatment model adopted, both supervisee and supervisor learn about themselves, gain interpersonal efficiency, and deal better with their own difficult feelings. For supervisors, supervising is a path of personal fulfillment, being a source of incentive and joy.

Keywords: supervision, personal growth, behavioral therapies

Introdução

As terapias comportamentais atuais enfatizam o papel de uma relação real, genuína e intensa entre terapeuta e cliente (Pierson & Hayes, 2007; Tsai, Yard, & Kohlenberg 2014). Linehan (1988), a autora da Terapia Comportamental Dialética (DBT),

* Correspondência para: Avenida Goiás, quadra 2.1, Número 2151. E-mail: luciano.pucgoias@gmail.com

descreve a relação pessoal entre terapeuta e cliente como (a) um meio para a aplicação de intervenções, (b) como o próprio tratamento e (c) como um fator de crescimento e cura para ambos os envolvidos independentemente se os objetivos iniciais do cliente foram alcançados. O trabalho do terapeuta oportuniza uma interação íntima com outra pessoa, permite ser útil na vida dessa pessoa, leva-o a refletir sobre a vida e estabelece um contexto de cuidado mútuo e de troca de experiências.

A Psicoterapia Analítica Funcional (FAP) é mais radical que Linehan (1988) ao usar a relação como o único meio de mudança clínica (Kohlenberg & Tsai, 1991). Ambos os modelos terapêuticos têm a mesma implicação para a supervisão. O repertório pessoal do terapeuta é importante para sua prática clínica e inevitavelmente virá à tona na supervisão. O modelo de supervisão coerente com a FAP usa a relação entre supervisor e supervisionando como seu principal recurso de atuação (Callaghan, 2006). A relação é a própria ferramenta da supervisão e a aplicação das estratégias de ensino-aprendizagem se dá no tecido dessa relação.

Partindo de uma perspectiva funcional e contextual, Vandenberghe (2014) distingue três contextos de supervisão: (a) o instrucional/didático, (b) o corretivo/remediador e (c) a formação experiencial da pessoa do terapeuta. O presente artigo foca especialmente o terceiro contexto desse modelo. Enquanto no primeiro contexto o terapeuta aprende seguindo regras ou sendo treinado em procedimentos clínicos e, no segundo, aprende com a discussão de suas dificuldades e remediação das suas falhas, o terceiro diz respeito a processos informais envolvidos na formação da pessoa do terapeuta. Similar com o que Linehan (1988) descreve a respeito da relação terapêutica, considera-se que os ganhos pessoais obtidos ao relacionar-se com o supervisor não são apenas efeitos colaterais da supervisão, mas mudanças necessárias para o desenvolvimento do terapeuta.

Estudos que analisam como a relação de supervisão afeta a pessoa, mesmo escassos, são sugestivos dos processos experienciais envolvidos. Apontam desafios e

dificuldades na relação com o supervisor, que marcam as interações e influenciam o desenvolvimento da pessoa do terapeuta. O supervisionando pode sentir vergonha (Hahn, 2001) ou até mentir, a depender de como se relaciona com o supervisor (Hantoot, 2000). Términos abruptos em supervisão geram emoções intensas no terapeuta e ajudam-no a desenvolver formas de colaboração mais propícias e a ser menos dependente com outros supervisores (Dawson & Akhurst, 2013).

Uso inadequado do diferencial de poder pelo supervisor pode levar o supervisionando a se preservar por meio do distanciamento e da dissimulação. Por outro lado, a autorrevelação pelo supervisor ajuda a normalizar a experiência do supervisionando, contribuindo para o seu desenvolvimento (De Stefano, Hutman, & Gazzola 2017). Além de normalizar as experiências difíceis do terapeuta, supervisores relatam revelar seus sentimentos e outras informações pessoais para tornar o relacionamento mais aberto e confortável (Knox, Burkard, Edwards, Smith, & Schlosser, 2008).

A autorrevelação sintoniza a experiência do supervisor com a do supervisionando (Wielenska & Oshiro, 2012). Torna a supervisão menos emocionalmente polarizada, regulando o afeto nas relações entre supervisor e terapeuta e até influencia a relação com os clientes (Sousa & Vandenberghe, 2007). Além de corroborar a utilidade da autorrevelação pelo supervisor, a pesquisa de Hill et al. (2016) acrescenta que abordar as questões pessoais do supervisionando e promover a sua autoconsciência são estratégias importantes para o sucesso da supervisão.

É importante acrescentar que o estudo de Knox, Edwards, Hess e Hill (2011) mostrou que supervisionandos experimentam desconforto quando a autorrevelação pelo supervisor traz conteúdo não relevante para a supervisão. Pequenas aberturas, muitas vezes vistas como banais, como dar caronas ou presentes e almoçar juntos, podem confundir o supervisionando em relação aos papéis em supervisão (Kozlowski, Pruitt, DeWalt, & Knox, 2014).

A supervisão é uma relação entre profissionais visando ao desenvolvimento de repertórios importantes para a prática clínica (Bernard & Goodyear, 2014; Milne & Watkins, 2014) Visto que é uma relação entre pessoas, habilidades interpessoais e manejo de si no relacionamento são cruciais para a qualidade da supervisão. Muitas vezes, supervisionandos aprimoram habilidades ao lidar com os desafios envolvidos na relação com o supervisor. Tais mudanças nos seus repertórios podem posteriormente tornar-se úteis para uma prática clínica eficaz (Callaghan, 2006; Souza & Vandenberghe, 2007).

Não só estar em supervisão, mas também supervisionar tem efeitos pessoais. Foi apontado como supervisionar terapeutas que atendem clientes sobreviventes de traumas pode impactar os supervisores (Follette & Batten, 2000), como a supervisão pode levar o supervisor a tomar consciência de suas dificuldades pessoais (Sousa & Vandenberghe, 2007) e como pode trazer vivências corretivas que ajudam o supervisor com problemas pessoais (Wielenska & Oshiro, 2012). Conflitos de valores com o supervisionando geram frustração, mal-estar e incerteza no supervisor, mas também promovem uma maior autoconsciência, prática de autoexame e delineamento das fronteiras da relação no contrato de trabalho (Veatch et al., 2012).

O objeto deste estudo são os efeitos que uma pessoa sofre ao se engajar em supervisão clínica, seja ao buscar, seja ao oferecer supervisão. A justificativa de um estudo a respeito do lado pessoal da supervisão é dupla. De um lado, o repertório pessoal do terapeuta é importante na sua prática clínica e inevitavelmente vai vir à tona na supervisão, como também o repertório pessoal do supervisor é importante no seu manejo da interação com os supervisionando. Por outro lado, é inevitável que em um relacionamento que exige tanto envolvimento pessoal, os integrantes saiam sem mudanças nos seus repertórios pessoais. O presente estudo pretende contribuir para a discussão sobre o entrelaçamento intrínseco entre os âmbitos profissional e o pessoal na supervisão.

O objetivo deste trabalho foi explorar quais mudanças pessoais o envolvimento em uma relação de supervisão pode trazer. Em outras palavras, indagou-se quais transformações ocorrem no contexto da supervisão que vão além da aquisição de habilidades profissionais.

Método

Participantes

Participaram da pesquisa 20 psicólogos clínicos, sendo 10 supervisores (6 do sexo masculino e 4 do sexo feminino) e 10 supervisionandos (7 do sexo feminino e 3 do sexo masculino). Os supervisores têm uma média de 13,05 anos de experiência como terapeutas (variando de 3 anos e 6 meses a 46 anos), uma média de 9,11 anos de experiência como supervisionandos (variando de 2 anos a 23 anos) e uma média de 9,86 anos de experiência como supervisores (variando de 1 ano e 8 meses a 24 anos). Utilizam modelos terapêuticos diversos: 2 adotam a Terapia Analítico-Comportamental (TAC) e a Psicoterapia Analítica Funcional (FAP), 2 utilizam apenas a TAC, 2 usam apenas a FAP, 2 afirmam seguir a Terapia por Contingências de Reforçamento (TCR), 1 afirma utilizar principalmente a Terapia Comportamental Dialética (DBT) e 1 afirma adotar principalmente a Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT).

Os supervisionandos têm uma média de 3,45 anos de experiência como terapeutas (variando de 1 ano e 6 meses a 7 anos) e uma média de 3,55 anos de experiência como supervisionandos (variando de 6 meses a 7 anos). Duas supervisionandas também dão supervisão: a supervisionanda E, com uma experiência de 1 ano e 6 meses, e a supervisionanda J, com 1 ano e 3 meses. Assim como os supervisores, todos os supervisionandos são da abordagem comportamental e também fazem uso de diferentes modelos terapêuticos: 5 adotam a TAC, 3 utilizam a TCR, 1 usa a FAP e 1 afirma utilizar a DBT.

Instrumentos

As entrevistas ocorreram de forma semiestruturada, usando um roteiro com oito perguntas abertas, permitindo a emergência de material singular: (a) Como está sendo a supervisão hoje? (b) Como você percebia a supervisão quando começou a fazê-la? (c) Você pode me contar vivências significativas de supervisão no passado? (d) O que você sente após um encontro de supervisão? (e) Como você avalia a qualidade de uma supervisão clínica? (f) Quais elementos você considera fundamentais em uma supervisão clínica? (g) Como o seu envolvimento na supervisão o (a) mudou como clínico(a)? (h) Como o seu envolvimento na supervisão o(a) mudou como pessoa?

Utilizou-se o mesmo roteiro para supervisores e supervisionandos, ainda que sejam dois grupos com experiências profissionais diferentes e funções e papéis distintos. Além disso, o objetivo foi investigar ganhos pessoais e não há respaldo, na literatura prévia, para se supor que tais efeitos sejam necessariamente derivados das funções desempenhadas em supervisão.

Procedimentos éticos

Depois da obtenção do parecer favorável do Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de Goiás ao projeto de pesquisa (Parecer número 2.697.059), o primeiro autor entrou em contato com os supervisores e supervisionandos para convidá-los a participarem da pesquisa. Eles foram encontrados através dos contatos que as instituições coparticipantes passaram dos seus profissionais. Foi usado o procedimento de amostragem “bola de neve”: conforme as entrevistas iniciais eram realizadas, o pesquisador solicitava, aos entrevistados, indicações de potenciais participantes. O convite era feito por e-mail ou por telefone e nele se apresentava a pesquisa, explicando especialmente a sua natureza, justificativa, objetivos, percurso metodológico, direitos do participante e possíveis riscos.

O projeto de pesquisa previa a realização das entrevistas nos espaços das instituições coparticipantes ou por meio de plataformas de videoconferência, como o *Skype*, desde que fossem respeitadas as condições de sigilo, privacidade, bem-estar dos envolvidos e a qualidade sonora das gravações. Porém, visto que todos os participantes eram de outros estados, optou-se, de comum acordo, pela realização das entrevistas por videoconferência. Elas eram gravadas, transcritas pelo primeiro autor e armazenadas em dispositivos a que apenas ele e o segundo autor tinham acesso. A duração média das entrevistas com os supervisores foi de 1 hora, 6 minutos e 36 segundos (a menor durou 41 minutos e 16 segundos e a maior durou 1 hora, 26 minutos e 57 segundos). Já as entrevistas com os supervisionandos duraram, em média, 57 minutos e 36 segundos (a menor durou 30 minutos e 5 segundos e a maior durou 1 hora, 34 minutos e 23 segundos).

Procedimentos de Coleta e Análise de Dados

As etapas de coleta e de análise dos dados ocorreram simultaneamente, seguindo os cânones da *grounded theory* (Charmaz, 2008, 2016, Levitt, 2021). Codificavam-se os primeiros dados transcritos, isto é, elaboravam-se “marcadores” ou códigos que sintetizam o processo presente em cada segmento de dados. Essa codificação ocorreu inicialmente linha a linha, em pequenos segmentos de dados, na tentativa de rastrear todas as informações importantes e, depois, foi retomada de maneira focalizada, afinando e reutilizando os códigos que ajudaram a responder a questão da pesquisa para classificar novos segmentos. Memorandos foram escritos durante todo o processo de pesquisa, relacionando e contrastando dados com dados, dados com códigos, códigos com códigos, códigos com categorias, e categorias com categorias. Os memorandos forneceram a “liga” entre as categorias, os “tijolos” conceituais da teoria nascente.

As categorias emergiam a partir de agrupamento de códigos de acordo com suas similaridades e diferenças. Eram realizadas novas entrevistas para elucidar e aprimorar as categorias provisórias que emergiram da análise das entrevistas anteriores. Esse dispositivo é denominado de “amostragem teórica”. Portanto, na *grounded theory*, a amostragem não segue os critérios de representatividade estatística, mas objetiva buscar participantes cujas experiências confirmem, rejeitem, ampliem e diversifiquem as categorias que se articularão para explicar o processo em estudo (Charmaz, 2006).

Depois da saturação das categorias, houve acréscimo de dois participantes com características diferentes da amostra já estabelecida. Foram incluídos um supervisor da TCR e um supervisionando que trabalha com FAP. Foram escolhidos porque, até esse momento, somente um supervisor na amostra usava TCR e nenhum participante trabalhava somente com FAP. Tal teste de saturação (Charmaz, 2006) partiu da hipótese de que eles poderiam lançar diferentes perspectivas e revelar outras propriedades das categorias existentes.

Para a *grounded theory* o pesquisador acessa a realidade estudada através de um encontro entre a experiência dele e dos seus participantes, em uma interação situada social e culturalmente. Portanto, assumiu-se uma postura profundamente reflexiva, denominada de “autoconsciência metodológica”, para tornar explícitas, tanto aos pesquisadores quanto ao leitor, a sua leitura dos dados (Charmaz, 2016; Levitt, 2021). A formação pregressa do pesquisador e suas suposições teóricas fornecem “conceitos sensibilizadores” que direcionam a formulação da pergunta e a interpretação dos dados. Mantém-se uma posição crítica em relação aos conceitos sensibilizadores, utilizando-os apenas na medida em que ajudam a identificar processos importantes e contendo-os quando arriscam truncar a análise (Blumer, 1969, Charmaz, 2006). A postura, denominada de “agnosticismo teórico” por Henwood e Pidgeon (2003), evita o alinhamento precoce dos resultados a alguma teoria existente.

Resultados

Emergiram 4 categorias que foram posteriormente resumidos em um único eixo “A supervisão pode ser transformadora”. O achado principal é que os efeitos sobre os supervisores e supervisionandos como pessoas convergem para as mesmas categorias. Como mostra a Tabela 1, somente a categoria “É uma via de realização pessoal” emergiu como exclusivo dos supervisores. Quanto às outras categorias, percebe-se que os impactos pessoais não dependem das funções desempenhadas como supervisor ou como supervisionando. Isto é indicativo de um processo compartilhado no seio do qual ambos os integrantes aprendem coisas similares.

A Supervisão pode ser Transformadora

A Tabela 1 resume efeitos da supervisão sobre o supervisionando e sobre o supervisor. Para cada categoria, são indicados quais entrevistados e o percentual (do total de 20) que contribuíram com o conteúdo para tal categoria. Merece destaque que 65% dos participantes trouxeram experiências que fomentaram a categoria “Muda a forma de relacionar-se com outros”.

Tabela 1

A supervisão pode ser transformadora

Categorias	Participantes que contribuíram
Ensina sobre si	Supervisor E; Supervisionados: B, D, F. (20%).
Muda a forma de relacionar-se com outros	Supervisores: B, D, E, F, G, H, J; Supervisionados: A, C, D, F, G, I. (65%).
Ensina a enfrentar emoções difíceis	Supervisores A, E; Supervisionados: E, F, G, H, I, J. (40%).
É uma via de realização pessoal	Supervisores: A, C, D, E, G, H, I. (35%).

Ensina sobre si

Ao aprender a analisar o seu comportamento como terapeuta, o supervisionando ganha autoconhecimento: “Também estou mais preparado pra avaliar funcionalmente

as coisas que acontecem na minha vida” (supervisionando D). O supervisionando B afirma: *“Acho que esse autoconhecimento é que vai mais impactando, assim, vai ajudando além da clínica”*. Ele dá um exemplo:

“Por que isso que aconteceu na clínica está mexendo comigo?”. Então, vamos ver o que está por trás disso, e daí isso vai repercutindo [na vida pessoal]. Então, essa questão do desempenho. Eu não só tento ter um alto desempenho na clínica; em outros aspectos da minha vida também”. (Supervisionando D)

O supervisor E testemunha:

“Numa supervisão que eu dei no começo, eu via que eu ficava muito ansioso em dar teoria para os terapeutas saírem com aquilo ali útil. Então, eu já dava análise funcional, já dava um pouco de metáforas, eu já dava um pouco de valores e desfusão, dava um pouquinho de tudo. Então, via que tinha um pouco da minha ansiedade ali. A metáfora que me veio foi [que eu] era como uma criança na laje de brinquedo: eu queria usar todos e hoje eu vejo que não é tanto por aí”. (Supervisor E)

Assim, ver-se atuando como supervisor o elucidou de alguns aspectos da sua pessoa: *“Quando a gente está fazendo supervisão, a gente nota condutas clinicamente relevantes, questões importantes para nós”* (supervisor E).

Muda a forma de relacionar-se com outros

A experiência de supervisão ensina novos modos de se relacionar com as pessoas no seu dia a dia: *“Mais desenvoltura para iniciar uma amizade, para fazer alguma brincadeira, para não levar para o lado pessoal as coisas e, assim, não me afastar das pessoas”* (supervisionanda C). *“Aprender a ouvir a ideia dos outros. Eu acho que exatamente por ter acontecido essa supervisão num modo coletivo, eu aprendi [isso]. Eu nunca tive essa facilidade”*. (supervisionando A). *“Eu acho que me ajudou muito no sentido de aceitar, cada vez melhor, a opinião de outras pessoas”* (supervisionanda G).

O supervisionando D revela este efeito: *“Eu também me sinto mais preparado para falar, para expor a minha opinião”*. *“Eu sempre fui muito tímida, mas [a supervisão] me ajudou*

nesse sentido” (supervisionanda G). A supervisora deu uma orientação para outro terapeuta que foi útil para o supervisionando D:

“Essa recomendação entrou na minha vida porque eu me considero uma pessoa muito rígida, mas, diante de alguma situação na minha vida, acabo aplicando essa sugestão, no sentido de não cobrar tanto que a pessoa faça do meu jeito e valorizar que a pessoa fez o que eu pedi, mas do jeito dela”. (Supervisionando D)

“Hoje, eu vejo que quando um amigo vem me contar alguma coisa, eu já valido, eu já acolho antes de ‘Vamos’, de falar qualquer coisa. Se um amigo vem ‘Ah, é porque eu estou triste com isso, estou pensando nisso’, então, eu já ‘Bom... ah não, natural que você pense assim, a sua vida está difícil’. Então, isso também eu vejo que foi uma coisa que eu levei muito para a minha vida pessoal, nas minhas relações” (Supervisionanda I).

Supervisionar muda como a pessoa se posiciona na sua vida privada:

“Eu acho que a gente vai aprendendo a ser mais empático, mais tolerante com as pessoas, a compreender melhor. Talvez nos ajude a criar estratégias para a própria vida, de como lidar com pessoas difíceis” (Supervisora B).

A supervisora D diz: *“Acho que me fez ver o quanto de intimidade eu consigo ter com outras pessoas”*. Já o supervisor H revela:

“Eu vejo que o principal repertório que [levo para] minha vida é respeitar o tempo de cada pessoa. E isso eu acho que é uma aprendizagem que é difícil para todo mundo fazer”. (Supervisor H)

Ensina a enfrentar emoções difíceis

A supervisão pode ajudar o terapeuta a compreender melhor a relevância das suas respostas emocionais: *“É como se eu desse mais atenção para os meus sentimentos”* (supervisionanda I). *“Entender que existem situações que vão te impactar de alguma forma”* (supervisionanda H). Aprende-se também a lidar com esses sentimentos: *“Me ajudou muito no sentido de lidar com frustrações”* (supervisionanda G). *“A questão da ansiedade, de saber que eu não preciso ficar provando para todo mundo o tempo todo que eu sei, que eu consigo”* (supervisionanda E). A supervisão ajudou a supervisionanda J com a ansiedade:

“Eu tenho uma tendência autoexigente muito alta e fazer supervisão me trouxe esse ganho de tranquilidade, de me ver mais suficiente, de entender que o que eu estava fazendo era ‘OK’, que sim, tinham coisas para melhorar. Teve uma função e tem até hoje uma função de acolhimento e de pensar: ‘Nossa! O que eu estou fazendo está indo OK’ e de tranquilidade na minha vida como um todo mesmo”. (Supervisionanda J)

Encontram-se na supervisão situações que ensinam agir apesar de sentimentos difíceis:

“Eu lembro que, para mim, era como ‘Ah, eu não vou fazer isso aí na frente de todo mundo’, [...] ‘Eu não vou falar’. Agora, eu fiz um role play [...], em que eu sentia que algumas coisas ‘Eu não vou falar’. [...] Só que eu estava mais preocupado com a minha experiência do que estava acontecendo ali, do que na experiência de não dizer. Então, chorei na frente da turma. Isso mudou bastante, assim. Antes, eu falava ‘Não, de jeito nenhum’ e, hoje em dia, é buscar rastrear um pouco mais o que está por trás desse ‘Não, de jeito nenhum’” (Supervisor E).

“A nossa profissão, ela não tem como a gente cindir ‘Aqui eu sou profissional, ali eu não sou’. Então, no momento da supervisão, muitas vezes, o problema do cliente também era meu. Então, teve dificuldades na supervisão ou situações com o cliente que eram bem difíceis de eu conseguir lidar e foi na supervisão que eu consegui identificar isso e saber o que fazer. [...] A intervenção era muito difícil para mim, então eu tive que aprender a lidar com isso e acaba que isso acontece no resto da [minha] vida” (Supervisionanda H).

É uma via de realização pessoal

“Eu me sinto muito realizado, me sinto muito satisfeito depois de cada supervisão” (supervisor H). O supervisor A, relativamente novato, começou a dar supervisões há menos de três anos e revela: “Focar no repertório de terapeuta do supervisionando tem sido uma coisa bem legal. Fazer isso tem sido muito reforçador para mim”. A supervisora C, que supervisiona há mais de vinte anos, confirma: “É um trabalho que eu sinto muita, muita satisfação com ele”.

A supervisora D traz nestes termos: *“Eu me sinto, eu diria – é um pouco diferente – mas tão privilegiada de ser supervisora como eu me sinto privilegiada de ser clínica”*. Ela acrescenta:

“É uma sensação muito boa, porque tem toda uma dança fantástica. Então, é gostoso porque, às vezes, aquilo que eu falo concorda inteiramente com o que eles falaram; outras vezes, lanço um ponto de vista diferente”. *“É [uma atividade] muito gostosa de fazer porque é você discutir casos e discutir casos os mais variados possíveis”* (supervisor G).

“Eu sinto como ‘Quero que venha o próximo [encontro de supervisão] porque eu quero ver como foi para eles a semana’. Enfim, mas é sempre com a ideia de que saia sendo útil e a sensação, eu acho que é sempre motivadora”. (supervisor E).

A supervisão pode ser uma fonte de realização pessoal ao ajudar o supervisor a estar coerente com e realizar os seus próprios valores: *“Tem sido um processo de fazer uma das coisas que, para mim, é mais importante, que é ajudar outra pessoa a crescer”* (supervisor I).

A supervisora D ressalta outro efeito da supervisão:

“Me sinto muito viva! Eu saio me sentindo absolutamente com vida das supervisões. A sensação mais forte, como eu disse, é a sensação de estar viva, que eu sou humana e eu estou viva”. (Supervisora D)

“É quando eu toco mais perto de ‘Nossa, é isso que a gente está fazendo aqui, está todo mundo vivo, todo mundo nesse barco, todo mundo sofre, quer sair de alguma situação, quer mudar alguma coisa’. O que a gente varia nisso tudo são os papéis: tem hora que estamos no papel de supervisor, tem hora que estamos no papel de cliente. A gente varia papéis. Eu acho que dá uma dimensão muito da humanidade mesmo dentro da gente” (supervisora C).

Momentos significativos da supervisão condensam experiências de realização pessoal. O supervisor H menciona o caso de uma terapeuta que se vinculou fortemente com um cliente adolescente e que, *“ao ter que dar alta, se emocionou muito a ponto de não conseguir falar sobre o caso, de ela chorar na supervisão”*. Ele acrescenta: *“Foi muito*

significativo ver um vínculo tão forte formado por conta do processo que a gente estabelece em supervisão". O supervisor I se emociona ao dizer:

"Que, de alguma maneira, eles [os supervisionandos] estão acreditando nos seus clientes – essa é uma coisa que eu sempre bato na tecla – de acreditar no teu cliente. E quando comecei a perceber existindo isso e eles me trazendo, [fica com a voz embargada] acho que mais do que uma vez, eu me emocionei assim".
(Supervisor I)

Ver os resultados da supervisão nos clientes atendidos pelos supervisionandos marcou o supervisor I: *"O meu trabalho estava ajudando outra pessoa que eu não conheço a ter uma vida melhor".* Esses efeitos podem salvar uma vida: *"Os meus supervisionandos [ajudando] alguém que a única coisa que queria é acabar com todo o sofrimento cometendo suicídio".* O supervisor I também se lembra de outro evento marcante: *"A primeira alta [sorri] que eu vi um supervisionando dar também foi uma comemoração, assim, bem, bem, bem bacana também".*

Discussão

De um ponto de vista técnico, supervisores e supervisionandos têm metas distintas e, em alguns aspectos, até opostas. A supervisão é uma relação eminentemente avaliativa e hierárquica (Bernard & Goodyear, 2014; Milne & Watkins, 2014). No entanto, esta pesquisa indica que a supervisão transforma ambos de maneira similar. Considerando as habilidades requeridas pelos modelos terapêuticos, os quais enfatizam o relacionamento, a supervisão acaba necessariamente envolvendo repertórios pessoais do profissional.

A literatura sugere que o supervisor ajuda o terapeuta a analisar o seu próprio comportamento, intervir nas suas dificuldades pessoais e lidar melhor com os seus sentimentos e com as pessoas (Hill et al., 2016; Kissil, Carneiro, & Aponte, 2018; Knox, Edwards, Hess, & Hill, 2011). Recomenda que o supervisor incentive o supervisionando a aplicar as habilidades aprendidas no seu dia a dia para integrá-los mais

profundamente nos seus repertórios. (Callaghan, 2006; Tsai, Callaghan, Kohlenberg, Follette, & Darrow, 2009). Os resultados deste estudo indicam que as mudanças pessoais obtidas no processo não são efeitos colaterais de pouca relevância, mas transformações importantes para o funcionamento tanto pessoal quanto profissional dos envolvidos.

A presente pesquisa mostrou que a supervisão clínica comportamental ultrapassa a execução de funções e papéis. Ela aparece como um ambiente em que os pontos fortes e de maior vulnerabilidade dos envolvidos serão manifestos e precisam ser manejados. A supervisão se torna contexto de uma aprendizagem mútua e abrangente. É mútua, porque o supervisor aprende da interação com o supervisionando tanto quanto o supervisionando aprende do supervisor. A supervisão é um contexto de seleção mútua de repertórios, em que um integrante dispõe das consequências ao comportamento do outro. É abrangente porque envolve autoconhecimento, relações interpessoais, dificuldades pessoais e como lidar melhor com elas, estar coerente com os seus valores pessoais, compreender seus sentimentos e lidar com eles. Além disso, oferece um caminho de realização pessoal para o supervisor.

Pelo menos quatro conclusões podem ser destacadas. Primeiro, enquanto, para supervisores, a supervisão é um trabalho e, para supervisionandos, faz parte da sua formação, ambos são afetados de forma semelhante como pessoas. Segundo, as transformações na vida pessoal ocorrem independentemente dos objetivos concretos da supervisão e sem que eles sejam planejados. Terceiro, os ganhos pessoais – maior autoconhecimento, melhor eficiência interpessoal, melhor capacidade de compreender e lidar com os próprios sentimentos – são, ao mesmo tempo, contribuições para um melhor desempenho profissional. Quarto, as transformações pessoais são descritas por profissionais que trabalham com diferentes abordagens (FAP, ACT, DBT, TCR e TAC) e não se restringem àqueles modelos que mais enfatizam a pessoa do terapeuta na sua teoria.

Considerações finais

A compreensão da relação terapeuta-cliente por Linehan (1988) como uma relação pessoal, que enriquece a vida dos envolvidos em modos que extrapolam os objetivos da terapia, vale também para a relação supervisor-terapeuta. Os ganhos pessoais advindos dessa relação não apenas enriquecem a vida privada dos envolvidos, mas também contribuem para a formação do tipo de terapeuta que dispõe de autoconhecimento, eficácia interpessoal e competência em enfrentar seus sentimentos difíceis.

Como não há diferenças entre os adeptos dos diferentes modelos terapêuticos, podemos sugerir que os ganhos pessoais encontrados (a) independem dos modelos ou (b) são resultados de características que essas terapias têm em comum, tal como, por exemplo o uso da análise de contingências para avaliar o comportamento do terapeuta. Pesquisas futuras deverão testar essas possibilidades. Novas investigações podem também verificar como as transformações pessoais dos envolvidos podem contribuir, não só para a eficácia da terapia, mas também para a eficácia do processo de supervisão.

Algumas limitações desta pesquisa decorrem da composição não estatisticamente representativa da amostra e do pequeno número de entrevistados. Futuros estudos podem incluir maiores números de participantes. Espera-se que o presente estudo dos impactos pessoais da supervisão sobre o terapeuta e o supervisor possa encorajar mais pesquisas que devem lançar luz sobre alguns processos pouco estudados da supervisão.

Referências

- Bernard, J. M., & Goodyear, R. (2014). *Fundamentals of clinical supervision* (5th ed.). Boston, MA: Allyn & Bacon.
- Blumer, H. (1969). *Symbolic interactionism*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall.

- Callaghan, G. M. (2006). Functional analytic psychotherapy and supervision. *International Journal of Behavioral Consultation and Therapy*, 2(3), 416-431. doi: 10.1037/h0100794
- Charmaz, K. (2006). *Constructing grounded theory: A practical guide through qualitative analysis*. Londres: SAGE.
- Charmaz, K. (2008). The legacy of Anselm Strauss in constructivist grounded theory. In Norman K. Denzin (Ed.), *Studies in Symbolic Interaction* (Vol. 32, pp. 127-141). Bingley, UK: Emerald Group Publishing Limited.
- Charmaz, K. (2016). The power of constructivist grounded theory for critical inquiry. *Qualitative Inquiry*, 23(1), 1-12. doi: 10.1177/1077800416657105
- Dawson, D., & Akhurst, J. (2013). 'I wouldn't dream of ending with a client in the way he did to me': An exploration of supervisee's experiences of an unplanned ending to the supervisory relationship. *Counselling and Psychotherapy Research*, 15(1), 21-30. doi: 10.1080/14733145.2013.845235
- De Stefano, J., Hutman, H., & Gazzola, N. (2017). Putting on the face: A qualitative study of power dynamics in clinical supervision. *The Clinical Supervisor*, 36(2), 223-240. doi: 10.1080/07325223.2017.1295893
- Follette, V. M., & Batten, S. V. (2000). The role of emotion in psychotherapy supervision: a contextual behavioral analysis. *Cognitive and Behavioral Practice*, 7(3), 306-312. doi: 10.1016/S1077-7229(00)80088-7
- Hahn, W. K. (2001). The experience of shame in psychotherapy supervision. *Psychotherapy: Theory, Research, Practice, Training*, 38(3), 272-282. doi: 10.1037/0033-3204.38.3.272
- Hantoot, M. S. (2000). Lying in psychotherapy supervision: Why residents say one thing and do another. *Academic Psychiatry*, 24(4), 179-187. doi: 10.1176/appi.ap.24.4.179
- Henwood, K., & Pidgeon, N. (2003). Grounded theory in psychological research. In P. M. Camic, J. E. Rhodes, & L. Yardiey (Eds.), *Qualitative research in psychology: Expanding perspectives in methodology and design* (pp. 131-155). Washington, DC: American Psychological Association.
- Hill, C. E., Lent, R. W., Morrison, M. A., Pinto-Coelho, K., Jackson, J. L., & Kivlighan Jr., D. M. (2016). Contribution of supervisor interventions to client change: The therapist perspective. *The Clinical Supervisor*, 35(2), 227-248. doi: 10.1080/07325223.2016.1193783
- Kissil, K., Carneiro, R., & Aponte, H. J. (2018). Beyond duality: The relationship between the personal and the professional selves of the therapist in the Person on the Therapist Training. *Journal of Family Psychotherapy*, 29(1), 71-86. doi: 10.1080/08975353.2018.1416244

- Knox, S., Burkard, A. W., Edwards, L. M., Smith, J. J., & Schlosser, L. Z. (2008). Supervisor's reports of the effects of supervisor self-disclosure on supervisees. *Psychotherapy Research, 18*(5), 543-559. doi: 10.1080/10503300801982781
- Knox, S., Edwards, L. M., Hess, S. A., & Hill, C. E. (2011). Supervisor self-disclosure: Supervisees' experiences and perspectives. *Psychotherapy, 48*(4), 336-341. doi: 10.1037/a0022067
- Kohlenberg, R. J., & Tsai, M. (1991). *Functional analytic psychotherapy: Creating intense and curative therapeutic relationships*. New York: Plenum Press.
- Kozlowski, J. M., Pruitt, N. T., DeWalt, T. A., & Knox, S. (2014). Can boundary crossings in clinical supervision be beneficial? *Counselling Psychology Quarterly, 27*(2), 109-126. doi: 10.1080/09515070.2013.870123
- Levitt, H. M. (2021). *Essentials of critical-constructivist grounded theory research*. Washington: American Psychological Association.
- Linehan, M. M. (1988). Perspectives on the interpersonal relationship in behavior therapy. *Journal of Integrative and Eclectic Psychotherapy, 7*(3), 278-290.
- Milne, D. L., & Watkins, C. E. (2014). Defining and understanding clinical supervision: A functional approach. In C. E. Watkins, & D. L. Milne (Eds.), *The Wiley international handbook of clinical supervision* (pp. 3-19). Chichester, UK: John Wiley & Sons Ltd.
- Pierson, H., & Hayes, S. C. (2007). Using Acceptance and Commitment Therapy to empower the therapeutic relationship. In P. Gilbert & R. Leahy (Eds.), *The Therapeutic Relationship in Cognitive Behavior Therapy* (pp. 205-228). London: Routledge.
- Sousa, A. C. A., & Vandenberghe, L. (2007). Possibilidades da FAP como método de supervisão de terapeutas com clientes *borderlines*. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 9*(1), 1-11. doi: 10.31505/rbtcc.v9i1.142
- Tsai, M., Callaghan, G. M., Kohlenberg, R. J., Follette, W. C., & Darrow, S. M. (2009). Supervision and therapist self-development. In M. Tsai, R. J. Kohlenberg, J. W. Kanter, B. Kohlenberg, W. C. Follette, & G. M. Callaghan (Eds.), *A guide to functional analytic psychotherapy: awareness, courage, love, and behaviorism* (pp. 167-198). doi: 10.1007/978-0-387-09787-9_8
- Tsai, M., Yard, S., & Kohlenberg, R. J. (2014). Functional analytic psychotherapy: a behavioral relational approach to treatment. *Psychotherapy, 51*(3), 364-371. doi: 10.1037/a0036506
- Vandenberghe, L. (2014). Supervisão para terapia comportamental. In V. B. Haydu, S. A. Fornazari, & C. R. Estanislau, (Eds.), *Psicologia e análise do comportamento: Conceituações e aplicações à educação, organizações, saúde e clínica* (pp. 477-495). Londrina, PR: UEL.

- Veach, P. M., Yoon, E., Miranda, C., MacFarlane, I. M., Ergun, D., & Tuicomepee, A. (2012). Clinical supervisor value conflicts: Low-frequency, but high-impact events. *The Clinical Supervisor, 31*(2), 203-227. doi: 10.1080/07325223.2013.730478
- Wielenska, R. C., & Oshiro, C. K. B. (2012). FAP group supervision: Reporting educational experiences at the University of São Paulo, Brazil. *International Journal of Behavioral Consultation and Therapy, 7*(2-3), 177-181. doi: 10.1037/h0100953

Submetido em: 20.01.2022

Aceito em: 05.06.2022